

Autorização concedida ao Repositório Institucional da Universidade de Brasília pelos organizadores e autores dos capítulos do e-book **Estilhaços da memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil** para disponibilizar a obra, gratuitamente, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data.

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

REFERÊNCIA

BRITTO, Clovis Carvalho; DANTAS, Rafael Jesus da Silva; SANTOS JÚNIOR, Roberto Fernandes dos. Sobrevivente entre “museus perdidos”: notas sobre o museu do instituto histórico e geográfico de Sergipe (1912-1946). In: BRITTO, Clovis Carvalho; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da; CERÁVOLO, Suely Moraes (org.). **Estilhaços da memória: o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico; Salvador [BA]: Observatório da Museologia na Bahia [UFBA/CNPq], 2020. p. 195-211.

ESTILHAÇOS DA MEMÓRIA

O NORDESTE E
A REESCRITA DAS PRÁTICAS
MUSEAIS NO BRASIL

Clovis Carvalho Britto
Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha
Suely Moraes Cerávolo
(Organizadores)



Prof. Me. Gil Barreto Ribeiro (PUC Goiás)

Diretor Editorial
Presidente do Conselho Editorial

Dr. Cristiano S. Araujo

Assessor

Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Administrativa
Presidente da Editora

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Solange Martins Oliveira Magalhães (UFG)

Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)

Profa. Dra. Helenides Mendonça (PUC Goiás)

Prof. Dr. Henryk Siewierski (UnB)

Prof. Dr. João Batista Cardoso (UFG Catalão)

Prof. Dr. Luiz Carlos Santana (UNESP)

Profa. Me. Margareth Leber Macedo (UFT)

Profa. Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno (UFG)

Prof. Dr. Nivaldo dos Santos (PUC Goiás)

Profa. Dra. Leila Bijos (UnB)

Prof. Dr. Ricardo Antunes de Sá (UFPR)

Profa. Dra. Telma do Nascimento Durães (UFG)

Profa. Dra. Terezinha Camargo Magalhães (UNEB)

Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)

Profa. Dra. Elisângela Aparecida Pereira de Melo (UFT)

Prof. Ms. Euvaldo de Sousa Costa Junior (UFPI)

Clovis Carvalho Britto
Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha
Suely Moraes Cerávolo
Organizadores

**ESTILHAÇOS DA MEMÓRIA:
O NORDESTE E A REESCRITA DAS
PRÁTICAS MUSEAIS NO BRASIL**

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Espaço Acadêmico

Salvador - Bahia
Observatório da Museologia na Bahia (UFBA/CNPq)

- 2020 -

Copyright © 2020 by Clovis Carvalho Britto, Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha e Suely Moraes Cerávolo

Editora Espaço Acadêmico

Endereço: Rua do Saveiro, Quadra 15, Lote 22, Casa 2
Jardim Atlântico - CEP: 74.343-510 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 24.730.953/0001-73
Site: <http://editoraespaocoacademico.com.br/>

Contatos:

Prof. Gil Barreto - (62) 98345-2156 / (62) 3946-1080
Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Editoração: Franco Jr.

Imagem da capa: Vidro quebrado azul - Oleksii Vovk | Dreamstime.com

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

E81 Estilhaços da memória : o Nordeste e a reescrita das práticas museais no Brasil [livro eletrônico] / Organizadores Clovis Carvalho Britto, Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha e Suely Moraes Cerávolo. – 1. ed. – Goiânia : Editora Espaço Acadêmico ; Salvador[BA] : Observatório da Museologia na Bahia[UFBA/CNPq], 2020.
356 p. ; Ebook.

Inclui referências bibliográficas
ISBN: 978-65-00-07333-1

1. Museu. 2. Museu – Nordeste – Brasil. I. Britto, Clovis Carvalho (org.). II. Cunha, Marcelo Nascimento Bernardo da (org.). III. Moraes, Suely (org.).

CDU 069(1-18)

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade dos autores.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*
2020

SUMÁRIO

| | |
|---|---|
| SOBRE FRAGMENTOS DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO MUSEOLÓGICO NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ENTRE MUITAS OUTRAS POSSÍVEIS INTRODUÇÕES..... | 9 |
| <i>Maria Margaret Lopes</i> | |

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 27 |
| <i>Clovis Carvalho Britto</i> | |
| <i>Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha</i> | |
| <i>Suely Moraes Cerávolo</i> | |

Parte I

GABINETES E COLEÇÕES DE HISTÓRIA NATURAL

| | |
|--|----|
| COLECIONISMO E ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA NO BRASIL HOLANDÊS DE MAURÍCIO DE NASSAU (1637-1644) | 32 |
| <i>Cláudia Philippi Scharf</i> | |

| | |
|--|----|
| OS JARDINS DO PALÁCIO VRIJBURG: O RECIFE HOLANDÊS E A CIRCULAÇÃO DE SABERES SOBRE PLANTAS E ANIMAIS (1637-1645)..... | 50 |
| <i>Heloisa Meireles Gesteira</i> | |

| | |
|--|----|
| O VIAJANTE FRANCÊS JEAN-BAPTISTE DOUVILLE EM TERRAS BAIANAS E O GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL NA CIDADE DO SALVADOR: A TRAJETÓRIA DE MUTAÇÕES (1835-1931)..... | 66 |
| <i>Suely Moraes Cerávolo</i> | |
| <i>Mariana Cerqueira Rodriguez</i> | |

ROMPENDO SILÊNCIOS: JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES LOPES
E O GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL DA PROVÍNCIA DO
MARANHÃO (1844) 86
Clovis Carvalho Britto

DO GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL AO MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL DO CEARÁ: O PRIMEIRO MUSEU
CEARENSE (1867-1871)..... 103
Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos

O ONTEM E O HOJE DO GABINETE DE HISTÓRIA NATURAL:
UM ESTUDO DE CASO DO GINÁSIO PERNAMBUCANO..... 120
Pollynne Ferreira de Santana

Parte II
MUSEUS E COLEÇÕES DOS INSTITUTOS
HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

O MUSEU DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO
DA BAHIA E A CULTURA DO PATRIMÔNIO DA BAHIA
(1894-1927)..... 140
Suely Moraes Cerávolo

“A GUARDA FIEL DE NOSSAS TRADIÇÕES E DA NOSSA
HISTÓRIA”: O MUSEU DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE E OS HERÓIS
POTIGUARES (1902-1917)..... 159
Magno Francisco de Jesus Santos

“UM MUSEU DE GRANDES NOVIDADES”: EM DEFESA DE
NOVOS ESTUDOS SOBRE O INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO PARAIBANO..... 177
Margarida Maria Dias de Oliveira

SOBREVIVENTE ENTRE “MUSEUS PERDIDOS”: NOTAS SOBRE
O MUSEU DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE
SERGIPE (1912-1946) 195

Clovis Carvalho Britto

Rafael Jesus da Silva Dantas

Roberto Fernandes dos Santos Júnior

CULTURA DA MEMÓRIA E POLÍTICAS DO PASSADO NO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO MARANHÃO:
O MUSEU E A ESCRITA DA HISTÓRIA DO MARANHÃO NA
PRIMEIRA REPÚBLICA..... 212

Jean Costa Souza

Paulo Brito do Prado

A RETÓRICA DAS COISAS: DESLOCAMENTOS, APROPRIAÇÕES
E NARRATIVAS SOBRE A COLEÇÃO PERSEVERANÇA DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS 230

Ulisses Neves Rafael

Parte III

COLECIONADORES, MUSEUS E EXPOSIÇÕES

SOBRE NEGROS, CANGAÇO E COBRAS-CORAL OU O
MUSEU DE ARTE DA BAHIA (MAB), ANTES DELE MESMO 248

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

O MUSEU DE ARTE ANTIGA DO INSTITUTO FEMININO
DA BAHIA E O COLECIONISMO DE HENRIQUETA MARTINS
CATHARINO 268

Marijara Souza Queiroz

“COM GRANDE JÚBILO, JUSTO ENTUSIASMO E ORGULHO VOS
APRESENTO O PRIMEIRO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA”:
O PIAUÍ NA EXPOSIÇÃO ESTADUAL DE 1923 286

Laila Pedrosa da Silva

| | |
|--|-----|
| EM “RESPEITO ÀS SAGRADAS RELÍQUIAS DE NOSSA HISTÓRIA”: O MUSEU HISTÓRICO E DE ARTE ANTIGA DE PERNAMBUCO, ENTRE 1928 E 1933 | 304 |
| <i>Rodrigo Cantarelli</i> | |
| DO MUSEU HISTÓRICO AO MUSEU HISTÓRICO E ANTROPOLÓGICO DO CEARÁ: A DANÇA DOS OBJETOS NA RESSIGNIFICAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES MUSEOLÓGICAS | 321 |
| <i>Ana Amélia Rodrigues de Oliveira</i> | |
| “VISITANDO A CASA DO HOMEM QUE CONTA A HISTÓRIA DE SERGIPE”: JOSÉ AUGUSTO GARCEZ E O MUSEU SERGIPANO DE ARTE E TRADIÇÃO (1948)..... | 335 |
| <i>Jean Costa Souza</i> | |
| SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES | 352 |

SOBREVIVENTE ENTRE “MUSEUS PERDIDOS”: NOTAS SOBRE O MUSEU DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE (1912-1946)

CLOVIS CARVALHO BRITTO
RAFAEL JESUS DA SILVA DANTAS
ROBERTO FERNANDES DOS SANTOS JÚNIOR

Pois alguém poderá organizar e escrever a história de um povo sem possuir o material indispensável para o soerguimento do Passado?
(Luiz José da Costa Filho 1919, p. 302)

Nas atas e publicações do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), fundado em 6 de agosto de 1912, em Aracaju, é comum o entendimento de que seus associados seriam os responsáveis por “guardar objetos sobre os feitos da história de Sergipe” e, conforme disposto no artigo 1º, parágrafo 5º, de seus estatutos, esse gesto seria materializado na organização de “um muzeu de Historia, archeologia, artes, usos e costumes dos indígenas, bem como objectos que tenham pertencido aos homens mais notáveis do Brazil” (ESTATUTOS..., 1913). No relatório de Luiz José da Costa Filho (1919), cujo trecho inserimos como epígrafe, o associado sublinha que uma das missões do IHGSE era recolher “trophéus e relíquias”:

Não descuidou-se esta Secretaria de recolher à sombra deste Instituto os trophéus e as relíquias que se relacionam com os grandes factos e os grandes vultos sergipanos. Não descuro, nem podia descurar de tão necessário labor. E porque empregou os possíveis esforços para tal fim, já esta casa guarda e conserva religiosamente trophéus e relíquias de raro valor para nós. (p. 310)

Essa proposta encampada pelo Museu do IHGSE, também conhecido por seus associados como “Casa de Sergipe”, reverbera práticas celebrativas

da memória do poder que contribuíam para que a agremiação cumprisse os papéis reservados às instituições congêneres desde o século XIX: “construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos”, produzindo “falas marcadamente regionais, apesar da pretensão totalizante” (SCHWARCZ, 1993, p. 99). Desse modo, surgiam tentativas de consolidação de uma determinada leitura da nação e, paralelamente, de fabricação de uma narrativa que atestasse aos impactos da história local nos destinos do país, comprovadas pela cultura material. Nesses termos, era necessário “coletar e reunir documentos reconhecidos como os melhores testemunhos de uma época. [...] Nesse desafio enquadrava-se o museu ao lado da biblioteca e da constituição de um arquivo de documentos” (CERÁVOLO, 2014, p. 4).

Isso ganha importância quando reconhecemos a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, no Rio de Janeiro, com o intuito de estabelecer as narrativas que baseariam e legitimariam a história da nação. No ano de sua fundação, seus estatutos apresentavam a necessidade da criação de um museu para recolher e organizar os materiais relativos à História e à Geografia brasileiras. O museu, inaugurado em 1851, teve como primeiro diretor o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), e seu acervo resultou de expedições científicas e doações de coleções públicas e privadas. O IHGB tornou-se um modelo interno dos institutos históricos e geográficos estaduais que, segundo Lília Schwarcz (1994), em virtude da entrada tardia dos modelos deterministas, difundiram discursos pautados em explicações variadas: “uma visão otimista, católica e patriótica, paralela a uma concepção determinista e evolutiva da nação” (p. 141).

De modo particular, essa leitura evidencia um importante campo de investigação quando constatamos, a partir de Suely Moraes Cerávolo (2014), que os museus dos institutos históricos e geográficos ainda receberam pouca atenção enquanto objeto de estudo¹, diferentemente dos trabalhos que analisam a reverberação dessas instituições na construção da história oficial do país. A pesquisadora sugere, assim, instigantes percursos analíticos: compreender como os agentes dessas agremiações colecionavam objetos exemplares, especialmente elementos visuais para o ensino da história celebrativa dos he-

¹ Nessa linha de investigação, Suely Moraes Cerávolo (2014) destaca os trabalhos de Mário Barata (1986), José Neves Bittencourt (2005), Isa Adonias (1990), George F. C. de Souza *et. all.* (2010) e José Antônio Gonçalves de Mello (1985). Especificamente relacionados às coleções do IHGSE, destacamos os textos de Janaína Couvo Teixeira Maia de Aguiar (2012), Beatriz Góis Dantas (2014) e Samuel Barros de Medeiros Albuquerque, Magno Francisco de Jesus Santos e Ane Luíse Mecenas Santos (2014).

róis regionais e construção do civismo; como o colecionismo institucional capitalizou elementos dispersos – particulares ou de órgãos públicos – em um único lugar e os impactos na fixação de valores identitários; e como desenvolveram as estratégias de formação de um “núcleo de memória regional” a partir de um “arquivo complementar” composto de coisas materiais.

Ciente dessas questões, o intuito deste capítulo é evidenciar os exercícios prévios sobre os gestos de musealização – do museável para o musealizado – na criação e na conformação do Museu do IHGSE. As coleções, nesse aspecto, são importantes por testemunharem os critérios de colecionismo e algumas das iniciativas museológicas realizadas na primeira metade do século XX no Nordeste do Brasil. No mesmo aspecto, o exame das primeiras décadas de funcionamento do Museu do IHGSE é relevante na medida em que foi o primeiro (de fato) e é o único museu sobrevivente desse período no contexto sergipano.

Sergipe e seus “museus perdidos”

Antes de analisarmos a constituição do Museu do IHGSE, é importante evidenciar a organização de outras instituições fundadas em exposições no contexto sergipano, suas diferentes estratégias, interpretações e recursos, concebidos como processos sociais de construção dos “legados” memoriais. Vistos sob esse ângulo, os museus e suas exposições se tornam instrumentos de poder nos quais a manipulação de linguagens empreende uma “batalha de memórias” através da produção de crenças que, ao eleger “troféus e relíquias”, “imortalizaram” e silenciaram determinados temas e sujeitos.

Lilia Schwarcz (1993), ao analisar a implantação dos institutos históricos e geográficos estaduais na segunda metade do século XIX, especialmente o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), evidenciou um projeto enciclopédico cujo intuito era forjar o passado em tradição:

Para além das especificidades políticas e regionais, coube aos institutos a montagem de uma nomenclatura própria, bem como a elaboração de uma agenda com personagens e fatos, da qual muitos historiadores pouco se libertaram. Presos a um projeto enciclopédico que encontrava ordem e encadeamento onde existiam apenas eventos singulares em sua experiência regional, esses profissionais se comprometeram com a construção de uma história nacional que, tendo o presente em mira, forjava o passado em tradição. (SCHWARCZ, 1993, p. 133)

No cenário sergipano, é possível afirmar que esse ideal enciclopédico extrapolou o IHGSE, sendo encampado pela maioria dos museus criados na primeira metade do século XX. O fato é que o Museu do IHGSE se tornou o único sobrevivente dos museus de sua geração, constituindo-se em um exemplo significativo do modo como os intelectuais mobilizaram a cultura material para inserir Sergipe na história da nação e para produzir narrativas sobre o passado local. Na verdade, é um sobrevivente da “batalha das memórias” que produziu os “museus perdidos”:

Mas nada é para sempre. Nem mesmo museus. Nós temos apenas algumas centenas de anos da história dos museus e muitas coleções, assim como as instituições que as abrigam, têm desaparecido nesse tempo. Guerras, incêndios, inundações e outros desastres evidenciam novas leituras. Museus que não conquistam apoio invariavelmente desaparecem e com eles, muitas vezes, suas coleções. Mesmo quando os museus sobrevivem, nem todos os seus objetos sobrevivem. Podemos descrever o estudo desse fenômeno como tafonomia do museu: o processo pelo qual as coleções desaparecem. Objetos em coleções de museus desaparecem por muitas razões, boas e ruins. Alguns são desassociados, considerados insuficientemente relacionados com a missão. [...] Alguns são negociados em outros museus. Outros, ainda de valor, são reclamados por desastre ou tragédias decorrentes de percalços de armazenamento ou de visitantes mal comportados. Alguns são simplesmente perdidos no depósito. Finalmente, esses objetos ainda em museus podem ser perdidos de várias maneiras. Objetos separados das informações sobre eles – suas histórias, seus metadados - perdem muito do seu valor. Museus detêm objetos e histórias e histórias são ainda mais facilmente deslocadas do que artefatos.² (LUBAR, RIEPPEL, DALY, DUFFY, 2017, p. 1-2, tradução nossa)

² “But nothing is forever. Not even museums. We have only a few hundred years of museum history, and many collections, as well as the institutions that house them, have disappeared in that time. War, fire, flood, and other disasters have taken some, financial exigencies others. Museums that don't earn their support invariably disappear, and with them, often, their collections. Even when museums survive, not all of their objects do. We might describe the study of this phenomenon as museum taphonomy: the process by which collections disappear. Objects in museum collections fade away for many reasons, good and bad. Some are deaccessioned, deemed insufficiently mission-related, useful, authentic, or not of the finest quality. Some are traded to other museums. Others, still of value, are claimed by disaster or the smaller tragedies of storage mishaps or misbehaving visitors, or succumb to inherent vice. Some are simply lost in the storeroom. Finally, those objects still in museums can be lost, in a variety of ways. In history and natural history museums, objects separated from the information about them – their stories, their metadata – lose much of their value. Museums hold both objects and stories, and stories are even more easily displaced than artefacts”.

É nesse intuito que apresentaremos um resumo de algumas dessas histórias e artefatos deslocados em Sergipe. De acordo com José Augusto Garcez (1958), apesar de Felisbelo Freire estabelecer no Código de Ensino do Estado, em 12 de março de 1890, que as escolas tivessem o seu museu, essa orientação não se concretizou.³ No mesmo ano, em 27 de março, o governador Felisbelo Freire assinou um decreto de criação de uma biblioteca pública e de um museu anexo: “Art. 1. Fica creada, nesta capital, uma biblioteca pública e à ella anexa um museu, que constará das seguintes secções: Geologia e Paleontologia; Mineralogia; Zoologia; Anthropologia” (In: SANTOS, 2011, p. 36).

Com a criação da Biblioteca-museu, inaugurada em 13 de agosto do mesmo ano, o então Governador contratou seus primeiros funcionários, os quais passaram a ocupar os cargos de bibliotecário e conservador, funções exercidas respectivamente pelo bacharel Josino Meneses e Antônio de Carvalho. [...] Mesmo passando por diversas dificuldades enfrentadas para seu funcionamento, a biblioteca conseguiu manter em sua estrutura o museu, ainda que não estivesse organizado da forma como foi planejado. (SANTOS, 2011, p. 36-37)

A consulta aos relatórios dos presidentes do estado de Sergipe também revela a existência do “museu” na Biblioteca Pública, no pavimento inferior do mesmo prédio ocupado pelo IHGSE desde 1914. Desse modo, observamos a coexistência de dois “museus”, no mesmo imóvel, durante as primeiras décadas de funcionamento do IHGSE. Nesse aspecto, é importante efetuarmos uma breve pausa para visualizar o “museu” da Biblioteca Pública Estadual, visto que sua narrativa provavelmente influenciava ou era influenciada pela narrativa do Museu do IHGSE.

O relatório de 1925, por exemplo, destaca que a biblioteca possuía uma coleção numismática – moedas diversas de cobre, prata e níquel –, uma coleção fiduciária – com cédulas de diversos países – e um “museu”: “passaram a figurar como propriedade do Museu 5 quadros e estudos do ilustre pintor sergipano Horácio Hora, mandados restaurar pelo governo, o anno próximo passado, sendo 2 a pastel e 6 a crayon” (CARDOSO, 1925, p. 83). Um

³ Thetis Nunes (2008) também destaca esse regulamento, transcrevendo o artigo 166: “Para facilitar aos professores os exercícios de intuição, haverá em cada escola um museu de amostras de todos os produtos da indústria local, terras das diferentes regiões do município, estrumes que provêm a cada solo, matérias empregadas na construção, principalmente espécies vegetais (naturais ou cultivados) com indicação das substâncias que elas derivam, coleções dos instrumentos empregados pelos operários ou agricultores, e, finalmente, espécimes de objetos naturais e artigos manufaturados que sirvam para alimentação, vestuário, mobílias etc.” (p. 360).

ano depois, os registros informam que a coleção numismática possuía 2.547 moedas e 153 medalhas, além da existência de uma coleção fotográfica e de uma coleção postal. Também destacam que o “museu” ainda se encontrava em organização e a consulta aos relatórios de fins da década de 1920 sublinha algumas doações: um seixo colhido na cachoeira de Paulo Afonso, muito curioso por sua irregularidade; uma grande pele de jiboia, proveniente do Engenho Glória; um medalhão em bronze do poeta Hermes Fontes; rocha esférica, encontrada nas ruínas da Igreja de São Gonçalo, em São Cristóvão. Ecletismo que evidencia as ressonâncias de uma herança enciclopédica, inspirada nos museus de História Natural do século XIX. Todavia, o documento de 7 de setembro de 1928 registra que, até aquele momento, as peças não haviam sido expostas por absoluta falta de espaço. Talvez, por essa razão, esse “museu” – na verdade uma coleção – não compareça nos registros daqueles que enumeraram as instituições museológicas em Sergipe. Acreditamos, assim, tratar-se de um mostruário integrado à biblioteca e, desse modo, o que foi projetado como o primeiro museu sergipano não chegou a ser efetivamente aberto ao público.

Do mesmo modo, é importante evidenciar, no início do século XX, a existência de um gabinete para o estudo da História Natural no Atheneu Sergipense:

Por determinação legal, devia o Atheneu contar para o regular funcionamento das aulas com uma biblioteca e um museu, meios esses indispensáveis para a eficiência dos estudos. Em 1921, possuía a instituição museu, biblioteca, gabinetes de Física, Química e História Natural, de modo que os programas de ensino fossem desenvolvidos com aplicações práticas. Em 1926, o Governo autoriza a reorganização dos gabinetes de Física e História Natural, o laboratório de Química e a adquirir os instrumentos precisos para o ensino de Geografia, Cosmografia e Desenho, abrindo desta sorte os necessários créditos. No Governo de José Rodrigues da Costa Dórea, foram adquiridos ‘aparelhos e mais utensílios que vieram da Europa para os gabinetes de História Natural, Mechanica, Astronomia e Geografia’. (*Correio de Aracaju*, 19 de novembro de 1909, apud ALVES, 2004, p. 240)

Na verdade, observamos a existência de uma espécie de museu pedagógico para o ensino das ciências naturais, além dos gabinetes de Física, Química, Mecânica, Geografia, História Natural e Astronomia. De acordo com Eva Maria Siqueira Alves (2005), desde o início do século XX, o Atheneu Sergi-

pense possuía a figura do preparador que era o responsável pela organização dos gabinetes: “ter todos os objectos do gabinete catalogados e dispostos na melhor ordem e estado de asseio; preparar as colleções conforme as instruções dos lentes” (p. 119).

Além dos gabinetes de História Natural existentes no Atheneu Sergipense e da coleção de objetos que integrava a Biblioteca Pública, sabemos da existência de três museus em Sergipe até a década de 1950: o Museu do IHGSE, criado em 1912, em Aracaju (objeto deste texto); o Museu Horácio Hora, fundado em 1942, em Laranjeiras; e o Museu Sergipano de Arte e Tradição, criado em 1948, em Itaporanga D’ Ajuda. O Museu Horácio Hora consistia em uma coleção de obras de arte e de objetos de cunho histórico, integrante do complexo de instituições denominado Casa de Laranjeiras, tendo sido desmembrado em 1952 (Cf. GARCEZ, 1958). O Museu Sergipano de Arte e Tradição consistia em um museu eclético, cuja coleção foi desmembrada a partir da década de 1970 (Cf. SOUZA, 2019).

Desses museus pioneiros, o Museu do IHGSE é, de fato, a mais antiga instituição museológica sergipana e a única que ainda se mantém em funcionamento. Isso, por si só, motiva uma análise de sua configuração, cujos discursos dos responsáveis contribuiu para disseminar no estado um repertório ainda dominante sobre museus e sobre Museologia. Além disso, enquanto os museus em Sergipe dialogavam com o modelo oitocentista marcado pela heterogeneidade das coleções e pelo “amplo horizonte da história natural englobando um conjunto de saberes que somente a especialização faria descolar uns dos outros, caso da Antropologia, Arqueologia, Etnografia, Zoologia, Botânica” (CERÁVOLO, 2014, p. 3); o Museu Horácio Hora⁴ e o Museu do IGHSE se distanciaram das ciências naturais, evidenciando uma mudança e uma ampliação de objetos a serem preservados: os “objectos de valor histórico”.⁵

⁴ Ainda é necessário um estudo aprofundado sobre o Museu Horácio Hora. Conforme destacou José Augusto Garcez (1958), a instituição foi criada pelo Decreto nº 31 de 16 de maio de 1942, assinado pelo prefeito de Laranjeiras (SE) e se intitulava Museu Histórico Horácio Hora. Era composta de apenas uma sala que expunha “inúmeras peças artísticas e históricas em estado de deterioração, inclusive uma cadeirinha de arruar do século XIX” (p. 42).

⁵ Conforme destacou Ana Cláudia Brefe (2005), o modelo museográfico/museológico que imperou no Brasil até a virada para o século XX foi o museu enciclopédico voltado para as ciências naturais: “A criação do museu histórico é tardia em relação à Europa, mas já aparece de maneira bastante tímida em alguns projetos do século passado. Seu aparecimento definitivo no contexto nacional também vem com a entrada da história e de seus métodos em seu âmbito” (p. 50).

“Offertas de objectos de valor histórico”: itinerários de um museu sobrevivente

O “Museu do IHGS”, conforme sua primeira grafia, surgiu como um dos objetivos do IHGSE e seguia a vocação preservacionista e a tarefa de fabricação da memória local da agremiação. O IHGSE reverberou a proposta dos institutos históricos estatuais, enfatizando a memória das elites e imprimindo silêncios e silenciamentos sobre o lugar dos indígenas e dos afro-brasileiros, apesar de abrigar artefatos desses diferentes grupos (DANTAS, 2014).

O IHGSE foi criado em 6 de agosto de 1912 no Salão Nobre do Tribunal da Relação – hoje denominado Palácio Silvio Romero – graças aos esforços de Florentino Teles de Menezes em companhia de 21 intelectuais, formados predominantemente em Medicina e em Direito (DANTAS, 2012). No dia 20 de agosto de 1912, foi realizada a segunda reunião visando à criação e à divisão dos cargos e comissões que seriam responsáveis pela gestão do IHGSE, ocasião em que foi apresentada a lista de sócios efetivos e eleito seu primeiro corpo diretivo: João da Silva Melo – presidente; Dionísio Telles de Menezes – vice-presidente; Alcebíades Correia Paes – primeiro secretário; Álvaro Telles de Menezes – segundo secretário; Sílvio Mota – orador; e Evangelino Faro – tesoureiro (Atas da Diretoria do IHGSE, 20 ago. 1912).

O IHGSE possuía cinco comissões (Museu e Biblioteca, Orçamento, Donativos e Interesses Externos, História e Arqueologia, Estatística e Geografia) e um redator de memória. A Comissão de Museu e Biblioteca era integrada pelos sócios Desembargador Zacharias Horácio dos Reis, Florentino de Menezes e Coronel José Correia Paes (Atas da Diretoria do IHGSE, 20 ago. 1912). No primeiro estatuto da instituição, foram apresentadas as responsabilidades dessa Comissão: “Art. 22 - A Comissão de muzeu e bibliotheca incumbem: a) a organização e direcção do archivo, muzeu e bibliotheca; b) Aquisição de livros, jornaes, periódicos e revistas” (ESTATUTOS..., 1913).

Examinando o acervo do IHGSE a partir de seus estatutos, Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana (2014) informou que a Comissão de Museu e Biblioteca estava ligada à Comissão de História e Arqueologia. Destacou ainda que na eleição de 1914 integraram a Comissão de Museu e Biblioteca os sócios Desembargador Libério Monteiro, Álvaro Teles de Menezes e Coronel Antônio Gomes da Cunha Júnior, sendo modificada em 1917 com a

inclusão dos sócios Desembargador Simeão Teles de Menezes Sobral, Coronel José da Silva Ribeiro e Adolfo Ávila Lima:

Ainda em 1917 foi aprovado o novo estatuto da instituição, trazendo modificações na estrutura das comissões, que passaram a ser denominadas: Fazenda e Orçamento; História; Geografia; Manuscritos e Autógrafos; Admissão de Sócios; Revista (Estatuto do IHGSE, 1917, art. 8). Até essa data, as obras doadas eram encaminhadas à Comissão de Museu e Biblioteca, só que, a partir do referido ano não encontramos mais referências a qual comissão especialmente recaíram as funções da anterior. (SANTANA, 2014, p. 159-160)

Itamar Feitas (2009, p. 9) evidenciou que eram “tênuas as diferenças entre os conjuntos do museu, biblioteca e do arquivo”, informando que esses setores funcionavam como um “repositório de fontes entendidas como históricas e lugar de culto à memória local”.

Eles recolhiam toda espécie de ‘troféus’ e de relíquias que pudesse reforçar a legitimidade do IHGS como guardião e promotor do sentimento pátrio. Por isso, não encontramos indícios de que a ‘bala do destróier Sergipe’, um calendário de 1820, um diploma de bacharel emitido por uma universidade francesa em 1842, uma fotografia de um político renomado, um recorte de jornal etc., estivessem situados em compartimentos separados, pelo menos até a administração da professora Thetis Nunes. (p. 9)

O acervo era composto por objetos ecléticos reunidos com o intuito de criar um museu de “história, archeologia, artes, usos e costumes dos indígenas, bem como objectos que tenham pertencido aos homens mais notáveis do Brasil” (In: NUNES, 2014, p. 188). Para tanto, um dos avisos presentes na *Revista do IHGSE* consistia na prioridade dada ao recebimento de doações para a biblioteca (qualquer obra literária, especialmente sobre História e Geografia), para o arquivo (originais ou cópias de documentos, mapas, diplomas e escritos históricos inéditos) e para o museu “quaesquer objectos de valor histórico, como retratos de homens notáveis, moedas raras e objectos de mérito artístico em geral” (*Revista do IHGSE*, 1913, p. 137).

Figura 1. Detalhe do “Museu do IHGS” em seus primeiros anos de funcionamento



Fonte: Clodomir Silva (1920).

A *Revista do IHGSE* informava nos relatórios anuais as “ofertas de objetos preciosos” para a coleção do museu: “Augmentam dia a dia, sensivelmente, as nossas collecções de documentos de valor e de objectos raros, os quaes estão bem catalogados e postos em suas respectivas estantes” (*Revista do IHGSE*, 1919, p. 299). Na edição de 1920, a revista trouxe a listagem de doações, o que contribui para visualizarmos a tipologia de objetos considerados representativos da história sergipana:

Offertas de objectos preciosos: O retrato do Sr. Barão do Rio Branco, pelo acadêmico Costa Filho; duas antigas moedas de bronze portuguez, pelo Sr. Francisco Simões de Oliveira; uma espada do valente coronel Vicente Lopes de Medeiros Chaves, que com ella fez toda a campanha de Paraguay, entrando em múltiplos combates e por elle próprio offerecida; um retrato do senador Antônio Diniz Dantas e Mello, offerecido por seu digno neto. (1920, p. 247)

A análise dos relatórios evidencia que nas doações sobressaíam os retratos de “einentes sergipanos” (Figura 1) e os itens de numismática comuns nos museus brasileiros desde o século XIX. O IHGSE também possuía os retratos do Desembargador Manoel Caldas de Barreto, do General Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão, de Pedro Calazans e de Rocha Pombo, elaborados por Galdino Bicho em 1917 (Cf. SANTOS, 2014).

As moedas e medalhas eram expressivas ao ponto do Museu do IHGSE receber um mostruário para a apresentação das moedas de ouro, prata, bronze, cobre e níquel, de procedência variada. Além do conjunto de numismática, também eram comuns doações de material iconográfico – com destaque para retratos, litogravuras e telas –, peças decorativas, mobiliário, armas, esculturas, bustos etc.

As doações de objetos para o IHGSE eram feitas não só por sergipanos, mas também por pessoas e instituições de outros estados conforme atestam suas atas. Em 1928, por exemplo, recebeu uma medalha comemorativa pelo Centenário de Deodoro da Fonseca, enviada pelo Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano (Atas da Diretoria do IHGSE, 6 jun. 1928), fato que denota intercâmbios intelectuais e materiais que extrapolavam a circulação de pessoas e livros.

Segundo Beatriz Góis Dantas (2014), em 1939, o IHGSE ampliou o espaço físico com a inauguração de nova sede, situação que contribuiu para melhores acomodações para a biblioteca, o arquivo e o museu. Também informa que a partir de 1941, José Calazans Brandão da Silva integrou a diretoria do IHGSE sendo responsável pelo museu: “empenhou-se em ampliar o acervo museográfico da Instituição, registrando em ata de 6 de agosto de 1941, o fato de que o IHGS recebera ‘interessantes e históricos objetos’” (p. 31). Aos poucos, a coleção do museu também foi ampliada graças à atuação de Epifânio Dória, um dos sócios do IHGSE. Ane Luíse Mecnas Santos (2014, p. 223) aponta o número expressivo de retratos existentes, além das doações efetuadas:

E de todos os objetos doados ao Instituto desde a sua fundação até o ano de 1948, tomando como base as atas de instituição, é possível constatar um significativo número de retratos, mais de quarenta no total. Nesse mesmo período foram recebidos dois bustos, dois globos, alguns objetos indígenas, uma arma, um capacete, dois móveis, um relógio, duas relíquias e um salva vidas.

Em matéria publicada no *Sergipe Jornal*, em 9 de outubro de 1946⁶, é possível imaginar a exposição do Museu do IHGSE, caracterizada por objetos apresentados em salas intituladas com os nomes dos eleitos como representativos da memória local e os objetos de matriz africana reunidos em uma “sala sem nome”:

SALAS E MAIS SALAS. O Instituto Histórico de Sergipe está cheio de salas. Antes as salas eram divisões no espaço hoje são divisões no tempo. O Prof. José Calasans pega-nos pelo braço e inicia conosco uma viagem pela história e pela geografia de Sergipe. – Aqui está a Sala Ivo do Prado. Mapas, aspectos regionais, autógrafos de grandes homens do Brasil, documentos históricos, cerâmica regional etc. Tudo dando uma ideia geral do nosso patrimônio. [...] – Esta é a Sala Epifanio Dorea. Um grande batalhador em prol desta casa, diz-nos. Aqui estão as figuras da administração pública e das nossas letras. Todos os presidentes constitucionais de Sergipe estão aqui também. [...] – Aqui é a Sala Camerino. Nela está, desde a carabina de Camerino até a moderníssima muchila de campanhas do pracinha sergipano nos campos da Europa. Pelas paredes fomos vendo retratos e mais retratos. Camerino, Leopoldo Amaral, Siqueira de Meneses, soldados da FEB mortos em combate, heróis de Canudos, apetrechos de guerra, capacetes da revolução de S. Paulo, um capacete trazido por um expedicionário, e que assistiu aos embates de Guadalcanal. SALA HORACIO HORA E FELISBELO FREIRE. Entramos em seguida nas salas Horacio Hora e Felisbello Freire. Ambas localizadas no último andar do edifício. Diversos magníficos quadros pendem na parede do primeiro salão. Desde o patrono até Jenner Augusto o nosso mais jovem pintor. Na Sala Felisbello Freire há muito que se ver. Mobiliário antigo, aspectos da cultura indígena, fosséis. A um canto as duas cadeiras onde trabalharam d. Quirino de Souza e Gumersindo Bessa. Tomando um bom espaço a mobília de sala do grande historiador sergipano Felisbello, em legítimo jacarandá. Destroços da Igreja do Geru, porcelanas, tudo, tudo lá está num estado eloquente de civilização e nobreza. Até a bengala do presidente Manoel Dantas, bengala que caminhou muitas vezes ruas de Aracaju lá está. SALA SEM NOME. Esta aqui não tem nome ainda, diz o jovem presidente da nossa casa de história. Poder-se-ia chamar Sala Etnográfica, ajuntamos. Sim porque lá dentro é um verdadeiro país de Ogum. Ataba-

⁶ É em virtude da existência dessa descrição detalhada da exposição que optamos por estabelecer como marco final de nossa análise o ano de 1946. Na década de 1950, o museu passou por profundas transformações, a exemplo da mudança de nome para Museu Galdino Bicho e da criação da Pinacoteca Jordão de Oliveira em virtude da incorporação de 31 novas telas de pintores brasileiros e estrangeiros, em 1957 (Cf. SANTOS, 2014).

ques, ganzás, pandeiros, fitas, todo material indispensável nas festas de pai de santo. (VERGARA, 1946, p. 1)

Essa descrição dialoga com a compreensão de Lília Schwarcz (1993), quando reconheceu que, para os institutos históricos e geográficos, fazer história era antes de tudo um ato de exaltação, a partir de um exercício de “vigilâncias comemorativas”. Para tanto, manter salas com objetos abrigados sob os nomes de “vultos sergipanos” contribuiria para forjar a imortalidade dos personagens, dos artefatos e da própria instituição. Não é por acaso que a sala dedicada aos artefatos de matriz africana era a “sala sem nome”, composta por objetos que não garantiriam o renome e a distinção de seu patrono, conforme os discursos científicos sobre a raça que vigoravam no Brasil até a primeira metade do século XX. Esses discursos, além de considerar a população negra como responsável pelo “atraso na civilização”, também privilegiavam “uma história católica, patriótica, permeável a um discurso evolucionista e muito vinculada à política oficial” (p. 117).

Os artefatos de religiões africanas consistiam em elementos não previstos pelos Estatutos do IHGSE, concebidos como espécies de “troféus” de uma “batalha das memórias” em prol do combate às práticas tidas como incivilizadas, pensamento influenciado pelo determinismo biológico que reconhecia esses artefatos a partir de teses racialistas, como testemunhos do desvio e da delinquência. Janaína Aguiar (2012) e Beatriz Góis Dantas (2014) problematizam a origem dos objetos provenientes de cultos de matriz africana sublinhando que os mesmos foram apreendidos pela polícia de Aracaju na década de 1940 e doados ao IHGSE pelo chefe de polícia Armando Leite Rolemberg, em abril de 1946:

Considerando a originalidade o material que este acompanha e apreendido pela Polícia, dos adeptos do baixo espiritismo, quando no exercício da macumba, tomou esta chefia a deliberação de enviá-lo a este Soldalício, onde, de certo, despertará a curiosidade dos que se interessam pelo tradicionalismo. (Arquivo do IHGSE n. 3136, Caixa 52)

A descrição da disposição dos objetos nas salas do Museu do IHGSE, em 1946, contribui para percebermos como a instituição estimulou um novo olhar para o “valor” dos artefatos a serem preservados, se comparado aos demais museus sergipanos do contexto que privilegiavam as ciências naturais. Nota-se, desse modo, a valorização de objetos considerados históricos

e artísticos, especialmente mobiliário, pinturas, moedas e artefatos de guerra, em um explícito diálogo com a História, a Arte, a Arqueologia e a Antropologia.

Ao preservar e promover essas coleções, os membros da Casa de Sergipe contribuíam para o processo de fabricação da “imortalidade” de determinados fatos e personagens (ABREU, 1996), transformando-os em testemunhos que respaldavam a produção de uma “História de Sergipe” conveniente aos seus interesses. Empenhada em “imortalizar” determinadas versões e agentes considerados representativos para o estado de Sergipe a partir da valorização de determinados objetos, aos poucos, os membros da elite sergipana ampliaram as doações para compor o acervo do museu. Nesse rol, os objetos indígenas e os resultantes da invasão dos terreiros eram “imortalizados” enquanto “curiosidades”, embora não integrassem o núcleo inicial da coleção nem ocupassem a mesma posição dos artefatos provenientes dos “homens notáveis” ou dos “einentes sergipanos”. Dessa forma, é possível concluirmos que o tratamento dado à cultura material evidenciava o lugar ocupado socialmente e o espaço destinado a esses agentes na escrita da história.

Na verdade, poderíamos nos aproximar das análises de Suely Cerávolo (2017) quando investigou as estratégias do Museu do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) que, cremos, são similares ao que ocorreu com o Museu do IHGSE. Segundo a pesquisadora, tratava-se de uma conjunção de letrados e de elite política com o intuito de elaborar modelos de instrução, ciência e história tendo o passado como lição, respaldado, dentre outras coisas, pela criação de um museu marcado por um “conjunto museológico diversificado; eclético”. Conclui, nesses termos, que “o intento de cunho cultural (e civilizatório) não deixou de lado o interesse e importância em contar com um mostruário permanente de produtos para ser admirado por visitantes” (p. 69).

Embora pequeno, o Museu do IHGSE possui significativo acervo. Além de seu valor como pioneiro do campo dos museus em Sergipe, tornou-se estímulo para a instalação de outros museus no estado. Desse modo, definiu e difundiu parâmetros para a aquisição, conservação e documentação de objetos, marcados pelo estabelecimento de uma narrativa afinada com um movimento de valorização dos “objetos históricos” presente com vigor no campo dos museus brasileiros a partir da primeira metade do século XX.

Referências

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luise Mecnas (Orgs.). *História, memória e comemorações na Casa de Sergipe*. Aracaju: IHGSE, 2014.

ALVES, Eva Maria Siqueira. *O Atheneu Sergipense: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)*. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ALVES, Eva Maria Siqueira. Imagens imortalizadas pelas palavras. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 227-244, 2004.

AGUIAR, Janaína Couvo Teixeira Maia de. Objetos exóticos e do baixo espiritismo: a memória da repressão da polícia aos terreiros de Aracaju no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. *Revista MUSEITEC*, Universidade Federal de Sergipe, v. 1, n. 1, dez. 2012.

BARATA, Mário. Origens dos museus históricos e de arte no Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 1986.

BITTENCOURT, José Neves. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e seu museu: 1839-1889. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 37, 2005.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista: Afonso de Taunay e a memória nacional (1917-1945)*. São Paulo: Editora UNESP; Museu Paulista, 2005.

CARDOSO, Maurício Gracco. *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa ao instalar-se a 3.º sessão ordinária da 15.ª Legislatura*. Aracaju, 7 set. 1925.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Rotas de investigação sobre a formação do patrimônio cultural da Bahia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 9, n. 53, 2017.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Museus e coleções como fontes de pesquisa histórica: o Museu do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894-1897). *Anais do VII Encontro Estadual de História da ANPUHBA*, Salvador, 2014.

COSTA FILHO, Luiz José da. Relatório apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em sessão solenne e extraordinária de 15 de agosto de 1917. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, ano 4, v. 4, 1919.

DANTAS, Beatriz Góis. Tambores silenciosos: a saga dos objetos de terreiros no acervo do IHGSE. *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 44, 2014.

DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe (1912/2012)*. Aracaju: Editora UFS/IHGSE, 2012.

ESTATUTOS aprovados em 27 ago. 1912. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, v. 1, n. 1, 1913.

FREITAS, Itamar. Memória do arquivo do IHGSE. In: *Guia do Arquivo do IHGSE*, Aracaju, 2009.

GARCEZ, José Augusto. *Realidade e destino dos museus*. Aracaju: Livraria Regina, 1958.

LUBAR, Steven; RIEPPEL, Lukas; DALY, Ann; DYFFY, Kathrinne. Lost Museums, *Museum History Journal*, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2017.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. O Museu do Instituto Arqueológico - Roteiro de visita. Separata da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*, Recife, v. LVII, 1985.

NUNES, Maria Thetis. *História da educação em Sergipe*. 2. ed. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

NUNES, Verônica. Acervos da Casa de Sergipe: um olhar sobre o acervo museológico. In: ALBUQUERQUE, Samuel; SANTOS, Magno; SANTOS, Ane Luise (Orgs.). *História, memória e comemorações na Casa de Sergipe*. Aracaju: IHGSE, 2014.

SANTOS, Ane Luise Mecenaz. Encontros tecidos pelas memórias de uma coleção: a rede de sociabilidades dos pintores e intelectuais no museu do IHGSE. In: ALBUQUERQUE, Samuel; SANTOS, Magno; SANTOS, Ane Luise (Orgs.). *História, memória e comemorações na Casa de Sergipe*. Aracaju: IHGSE, 2014.

SANTOS, Cláudio de Jesus. *Era uma casa, era um museu: a formação do pensamento museológico social sergipano em José Augusto Garcez (1948-1992)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia), Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2011.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Espetáculo da miscigenação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 20, 1994.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Clodomir. *Álbum de Sergipe (1820-1920)*. Aracaju, 1920.

SOUZA, George F. C. de; NEVES, Fernanda I.; LEÃO, Reinaldo C.; GALVÃO, Tácito C. *Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano: breve história*. Recife: IAHGP, 2010.

SOUZA, Jean Costa. “O culto à tradição de nossa gente”: a fabricação do folclore sergipano em exposições museológicas (1948-1976). Dissertação (Mestrado em Culturas Populares), Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2019.

VERGARA, Ruben. Uma visita à Casa da História e da Geografia. *Sergipe Jornal*, Aracaju, 9 out. 1946.